

Mecanismos de Conceptualização no Léxico

MECHANISMS OF CONCEPTUALIZATION IN THE LEXICON

Caio Cesar **CASTRO DA SILVA***

Resumo: Verificamos como ocorre o processamento cognitivo de verbos de circunfixação e enfatizamos que o escaneamento dinâmico é responsável pela conceptualização de verbos em português. Discutimos o tratamento que a literatura tem despendido ao processo de resultatividade, apontado como uma marca da parassíntese. Estabelecemos que os significados processuais envolvendo uma propriedade podem dar origem aos sentidos que envolvem mudança de lugar, promovendo, assim, uma relação polissêmica na construção gramatical.

Palavras-Chave: Parassíntese. Resultatividade. Ajuste focal.

Abstract: This paper verifies how cognitive processing takes place in circumfixation verbs and emphasize that the dynamic scanning is responsible for the conceptualization of these verbs in Portuguese. We discuss the treatment that the literature has spent to resultativity, which is identified as a characteristic of circumfixation. We also propose that processual meanings (involving a property) can give rise to meanings related to change of location, establishing, this way, a polysemous link in construction grammar.

Key-Words: Circumfixation. Resultativity. Focal adjustment.

Introdução

Neste artigo, investigamos o comportamento dos subesquemas de circunfixação através do prisma da semântica cognitivista. Para tanto,

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua como professor substituto de Língua Portuguesa na mesma instituição e é bolsista de Doutorado do CNPq. Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Contato: caiocvianna@gmail.com

recorremos aos conceitos de mecanismos de conceptualização e ajuste focal (LANGACKER, 1987).

Partindo de estudos anteriores, identificamos que as características subjacentes ao processo de parassíntese são a instanciação de novos verbos (MARTINS, 1991) e a ideia de resultatividade veiculada pela construção lexical (LEITE, 2006).

Serão utilizadas, neste trabalho, as nomenclaturas – correntes em Linguística (CASTRO DA SILVA, 2012) – ‘parassíntese’ e ‘circunfixação’ para referenciar o mesmo processo derivacional de ampliação lexical, qual seja a anexação de um prefixo e um sufixo a uma base-palavra da língua. Assim, ‘empacotar’ é um verbo parassintético por apresentar em sua formação um prefixo, ‘em-’, uma base, ‘pacote’, e um sufixo, ‘-ar’.

1 Operações de Conceptualização em Unidades Lexicais

Martins (1991), ao examinar a regularidade de verbos parassintéticos, destaca um traço semântico que tem reflexos no formalismo, mas que, muitas vezes, não recebe o devido tratamento em análises morfológicas: a formação de novos verbos na língua a partir de nomes. Esse fato – que perpassa a parassíntese, a sufixação e a conversão, por exemplo – estaria, para a autora, diretamente relacionado à nossa necessidade de expressar ações a partir de eventos. Essa proposição, com a qual concordamos, reflete o modo como ocorrem os processamentos cognitivos, ou seja, indica a motivação que leva os falantes a expressarem propriedades de adjetivos e substantivos por meio de processos. Em termos cognitivistas, a pergunta que deve ser feita diz respeito a conceptualizarmos uma cena holisticamente ou em partes que se sucedem.

Langacker (1987, 2008a, 2008b) defende que o traço de dinamicidade é um dos mecanismos que compõe as operações de conceptualização, pois, nesse caso, a saliência de aspectos referentes à conceptualização da cena é mutável e, por isso, dinâmica. Em outras palavras, “o escaneamento [...] se relaciona a de que modo os aspectos da cena são percebidos, se visualmente ou de outra maneira, e como dão origem a representações conceptuais”¹

¹ *Scanning [...] relates to how the aspects of a scene are perceived, visually or otherwise, and give rise to a conceptual representation.*

(EVANS, 2007, p. 186-187). Esse traço dinâmico estaria presente na nossa capacidade de apreender relações e compreender eventos através de escaneamentos, que são mecanismos que permitem a integração dos trechos constitutivos de uma cena em uma representação aproximada do real (LANGACKER, 2008b, p. 110). O escaneamento pode ser de dois tipos: estático ou processual.

O exemplo, providenciado por Langacker (2008a), de uma bola rolando um declive, pode ilustrar os dois modos de processamento, a depender do escaneamento que estiver sendo mapeado. Em uma das perspectivas, podemos conceptualizar essa cena como uma sequência de imagens que se sucedem e permitem compreender a trajetória do objeto, como na figura 1.

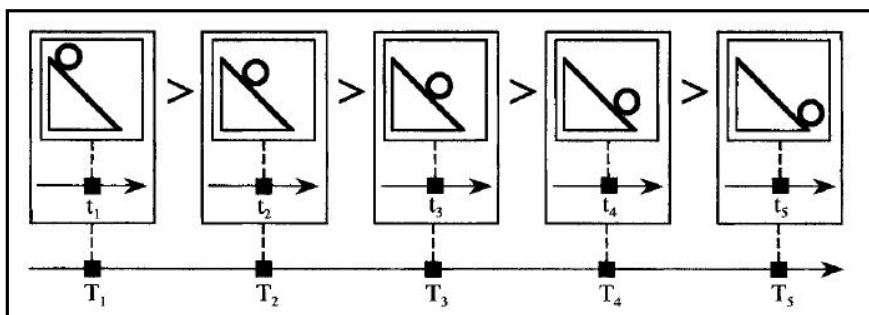


Figura 1 – Escaneamento dinâmico (LANGACKER, 2008a)

O evento de a bola rolar é representado, em cada retângulo, no tempo t_i em uma determinada posição, enquanto a conceptualização acontece no tempo T_i . Não necessariamente o acontecimento de um evento e a sua conceptualização se dão no mesmo intervalo de tempo, o que possibilita que t_i e T_i tenham valores de aplicação diferentes. Por exemplo, podemos conceptualizar, em um tempo futuro (T_i), uma ação que ocorreu no passado (t_i). Na figura acima, o estímulo (o movimento da bola) é escaneado sequencialmente, tal que no instante T_i o único trecho acessado corresponde a t_i , o que nos permite ter uma concepção muito próxima do evento que se desenrolou em t_i . Temos, então, o escaneamento dinâmico.

Não é isso o que acontece no escaneamento estático, como é exemplificado na figura 2, retirada de Langacker (2008a).

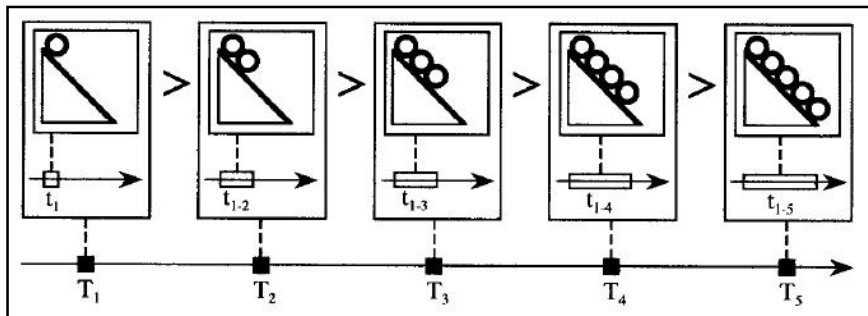


Figura 2 – Escaneamento estático (LANGACKER, 2008a)

No escaneamento estático, cada trecho da cena não é acesso separadamente, mas cumulativamente, i.e., no tempo T_i todas as configurações da cena que se desenrolaram até então ($t_1 - t_i$) são sintetizadas, de modo que a sua representação se torne holística.

Como estamos lidando com um léxico concebido a partir da interação de símbolos, ou seja, elementos formais que evocam significados (BASILIO, 2011), todo esse aparato cognitivo é refletido no ambiente lexical. Se, conforme Langacker (2008a) prediz, a semântica não for apenas o estudo das relações de condição de verdade, mas também das operações de conceptualização, o léxico torna-se o *locus* de manifestação da experiência, do uso e das habilidades cognitivas. Faz sentido, então, compreender que os diferentes tipos de escaneamento correspondem a diferentes estruturas da gramática, como o verbo, o adjetivo, ou o substantivo, por exemplo.

De acordo com Langacker (2008a), o escaneamento dinâmico está diretamente relacionado ao perfilamento realizado por verbos, visto que a relação processual é consequência do acesso sequencial de elementos de uma cena. Ao contrário, o escaneamento estático está para nomes, que, em geral, não perfilam relações, nem mudanças de estado.

Com isso, percebemos que a motivação semântica que subjaz processos de formação de verbos se relaciona à necessidade de expressar conceptualizações dinâmicas a partir de mapeamentos estáticos de um estímulo, uma vez que instanciamos construções verbais a partir de nomes (substantivos e adjetivos).

Sobre a característica processual dos verbos, que captura seu traço dinâmico, vale citar Langacker (1991, p. 81), que afirma que:

uma predicação processual envolve uma contínua série de estados [...] e emprega um escaneamento dinâmico para acessar essa estrutura complexa. Um processo contrasta com sua correspondente relação atemporal ao elaborar um 'perfilamento temporal', definido como a duração do tempo concebido [t] pelo qual a relação perfilada é escaneada sequencialmente.²

Similarmente, argumenta Lemos de Souza (2010), com exemplos da formação de nomes deverbais no português, em favor da distinção dos dois tipos de escaneamento cognitivo. De acordo com o autor, essa diferença justifica, junto a outros fatores, a ocorrência de 'ligação' e 'ligamento', 'armação' e 'armamento', e 'apartação' e 'apartamento', como vemos abaixo.

- (1) ligação → 'ato de ligar', interpretação verbal
ligamento → 'articulação entre os ossos', interpretação nominal
- (2) armação → 'ato de armar', interpretação verbal
armamento → 'conjunto de armas', interpretação nominal
- (3) apartação → 'ato de apartar', interpretação verbal
apartamento → 'tipo de moradia', interpretação nominal

Nos itens instanciados pelo esquema $[[x]_{Vi} - \text{ção}]_{Nj}$, percebemos que o escaneamento ocorre sequencialmente, enquanto nas palavras de $[[x]_{Vi} - \text{mento}]_{Nj}$ compreendemos a cena holisticamente. Esse seria um dos fatores que contribuiria para impedir o bloqueio das formas que selecionam a mesma base.

Nem sempre a mudança categorial implica em mudança no tipo de conceptualização, pois, como vimos nos casos de $[[x]_{Vi} - \text{ção}]_{Nj}$, tanto o verbo-base como o substantivo resultante perfazem um escaneamento dinâmico. Da mesma forma, os exemplos demonstrados em (4), a seguir, indicam que a mudança de classe não altera a conceptualização, pois se percebe a mudança do verbo 'correr' para o substantivo 'corre-corre' com a manutenção do

² *A processual predication involves a continuous series of states [...] and it employs sequential scanning for accessing this complex structure. A process contrasts with the corresponding atemporal relation by having a 'temporal profile', defined as the span of conceived time through which the profiled relationship is scanned sequentially.*

escaneamento dinâmico. Casos em que não há mudança categorial podem, ao contrário, apresentar mudança de escaneamento, como em (5), no qual a base 'carta' e a palavra derivada 'cartada' ativam o escaneamento estático e dinâmico, respectivamente. Com isso, observamos que não há, necessariamente, uma correspondência entre mudança categorial e diferença no escaneamento cognitivo.

- (4) correr_V → corre-corre_N
aprender_V → aprendizagem_N
(5) carta_N → cartada_N

Nos casos de verbos parassintéticos, entretanto, a mudança de escaneamento está correlacionada à mudança categorial. Há, em todos os casos, substantivos ou adjetivos como base para uma construção verbal e, conseqüentemente, a passagem de uma conceptualização estática para dinâmica. Em (6), apresentamos alguns exemplos.

- (6) calmo_A → acalmar_V
justo_A → ajustar_V
dívida_N → endividar_V
mole_A → amolecer_V
burro_A → emburrecer_V
raiva_N → enraivecer_V

Em comum aos verbos parassintéticos de (6), o escaneamento dinâmico expõe, mais detalhadamente, o traço durativo, processual, desses itens – além do caráter aspectual de incoatividade, reforçado em palavras terminadas por '-ecer', como, por exemplo, 'amolecer', 'emburrecer' e 'enraivecer'.

Desse traço processual, é possível generalizar um significado do tipo 'tornar-se X', em que a mudança dos vários estados constitutivos da cena é mapeada sequencialmente. Em outras palavras, esse significado mais geral nos permite visualizar os processos de 'tornar-se calmo', 'tornar-se mole', 'tornar-se burro' desenrolando-se em um período de tempo t_i e a nossa compreensão da cena num tempo T_i equivalente. Podemos relacionar isso à proposta de que verbos parassintéticos sejam tratados como casos de resultatividade (LEITE, 2006), um fenômeno bastante difundido e estudado na área da sintaxe.

2 Resultatividade em Palavras Parassintéticas

As construções resultativas, que têm sido analisadas sob diferentes perspectivas (no campo funcionalista, LEVIN e RAPPAPORT, 1999; no quadro cognitivista, GOLDBERG, 1995; LEITE, 2006; e no arcabouço gerativista, LOBATO, 2004; HOEKSTRA, 1988), indicam a mudança de estado de um objeto a partir da ação expressa no verbo (X faz com que Y se torne Z). Alguns exemplos de resultatividade são apresentados abaixo.

- (7) João pintou **a casa** [bem amarelinha]_{SAdv'}. (LOBATO, 2004)
- (8) Maria deixou **o quarto** [limpo]_{SA'}.
- (9) Eles partiram **o bolo** [em pedaços]_{Sprep'}. (LEITE, 2006)
- (10) Crise de energia tornou **brasileiro** mais [consciente]_{SA'}. (LEITE, 2006)

Nos exemplos (8) e (10), percebemos que a mudança de estado é indicada por meio dos sintagmas adjetivais [limpo] e [consciente], enquanto na frase em (9) é expressa no sintagma preposicional [em pedaços]. Em (7), não é apenas o adjetivo referente à cor que caracteriza a resultatividade, uma vez que a retirada do advérbio 'bem' acarreta a mudança de sentido da frase (LOBATO, 2004), como em (11).

- (11) ≠ João pintou a casa amarelinha.

Em (11), a casa possui a propriedade de ser amarela, enquanto em (7) passa a ter essa característica Z (cor amarela) a partir da ação (pintar) de X (João). Em (7), o sintagma adverbial [bem amarelinha] é responsável por ativar a mudança de estado.

Os constituintes destacados entre colchetes nos exemplos de (7) a (10) exprimem a ideia de transformação e, por isso, são identificados como sintagmas resultativos (de agora em diante, SR). Entretanto, para que haja mudança de estado, é necessário que um elemento assuma a transformação. Goldberg e Jackendoff (2004) chamam-no de hospedeiro, que nos exemplos de (7) a (10) se identifica com os constituintes que recebem caso acusativo (em negrito). Nessas frases, percebe-se a correlação entre o papel de agente e o elemento que recebe caso nominativo, porém este também pode ser o hospedeiro do processo de resultatividade, deixando de ser o agente, como em (12), a seguir.

- (12) **O chocolate** amoleceu.
 (13) O calor amoleceu **o chocolate**.

Na verdade, o constituinte sintático responsável por hospedar o papel do agente corresponde à distinção entre estruturas causativas e não causativas. Os exemplos de (7) a (10) representam estruturas causativas, pois um agente é responsável para que o hospedeiro assuma a propriedade expressa pelo SR. Já em (12), não há um elemento agentivo que caracterize uma estrutura causativa. Contudo, o mesmo exemplo pode ser reescrito, como em (13), de modo que inclua a noção de causatividade. Ainda que seja um tema bastante relevante, não nos aprofundaremos na discussão de considerar a causatividade no âmbito da Gramática das Construções, uma vez que não é esse o nosso foco³.

Nos casos de parassíntese, o indicador da mudança do estado não pode ser externo, já que estamos lidando com unidades do léxico. Esse indicador, que é compatibilizado num esquema mais geral, funcionando como a base para instanciar a palavra parassintética, é chamado de SR interno (LEITE, 2006). Nos exemplos de (14) a (20), apresentamos casos de parassíntese cujos subeventos indicam que um hospedeiro (X) passará a ter a propriedade indicada pelo SR interno, representado pelas bases.

- (14) [a [cafajeste]_{Ai} ar]_{Vj} 'X tornar-se cafajeste'
 (15) [em [bebedo]_{Ai} ar]_{Vj} 'X tornar-se bêbedo'
 (16) [a [podre]_{Ai} ecer]_{Vj} 'X tornar-se podre'
 (17) [em [magro]_{Ni} ecer]_{Vj} 'X tornar-se magro'
 (18) [em [pálido]_{Ai} ecer]_{Vj} 'X tornar-se pálido'
 (19) [em [paca]_{Ni} ar]_{Vj} 'X tornar-se semelhante a uma paca'
 (20) [a [bandido]_{Ni} ar]_{Vj} 'X tornar-se um bandido'

Goldberg e Jackendoff propõem a terminologia 'resultativas de propriedade' para casos em que são focalizados um processo de mudança e uma propriedade dessesubevento, como nos itens exemplificados acima. Em geral, adjetivos indicam o valor semântico de **propriedade**, o que favorece a

³ Os interessados no assunto podem consultar Levin e Rappaport (1999), Goldberg e Jackendoff (2004), Goldberg (1995, 2006).

compatibilização entre adjetivos e subesquemas de parassíntese que exprimem ‘mudança de estado relacionada a uma propriedade’, como $[a[x]_{N_j}ecer]_{V_i}$ e $[en[x]_{N_j}ecer]_{V_i}$. Substantivos também podem servir à instanciação de novas unidades, conforme visto nos exemplos (19) e (20), porém como, normalmente, não indicam uma propriedade, é perfilada uma característica do substantivo base. Por exemplo, em (19) não se concebe a transformação do hospedeiro em uma paca. Ao contrário, uma propriedade do animal, a lentidão, é perfilado e compatibilizado na construção, o que nos permite identificar alguém ou alguma coisa que age de forma lenta como uma paca através da palavra ‘empacar’. Os exemplos abaixo ilustram esse perfilamento.

- (21) **Meu cachorro** ‘empaca’ na hora de passear... Por que (sic)?⁴
- (22) **O ônibus** ‘empacou’ várias vezes no caminho porque os corintianos invadiam as ruas para saudar o time.⁵
- (23) **Minha carreira** ‘empacou’.⁶
- (24) Lançado há três meses, **projeto social** de Adriano ‘empaca’.⁷

Percebemos, nos exemplos de (21) a (24), que a propriedade de ‘lentidão’ é perfilado na base ‘paca’ e relacionado aos hospedeiros ‘cachorro’ (21), ‘ônibus’ (22), ‘carreira’ (23) e ‘projeto social’ (24).

Em (20), do mesmo modo, um traço da base ‘bandido’ é perfilado para compatibilizar com a construção parassintética. Não interessam as propriedades físicas do bandido, mas as psicológicas e/ou sociais: ‘abandidar’ é ‘agir inescrupulosamente’, ‘participar de alguma facção criminosa’, ‘ter atitudes que se assemelhem à representação de um bandido’, entre outros.

Adaptando a cena utilizada por Langacker para representar o escaneamento dinâmico (figura 1), apresentamos, na figura 3, um diagrama

⁴ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100417173909AAXpe2c>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

⁵ Disponível em: <<http://www.loucosport.com.br/content/view/207/47/>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

⁶ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/max-gehringer/2011/08/03/MINHA-CARREIRA-EMPACOU.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

⁷ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/888204-lancado-ha-tres-meses-projeto-social-de-adriano-empaca.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

que concentra esse modo de processamento cognitivo, a mudança de estado e o perfilamento de uma propriedade, característicos do esquema que expressa a 'resultatividade atributiva'.

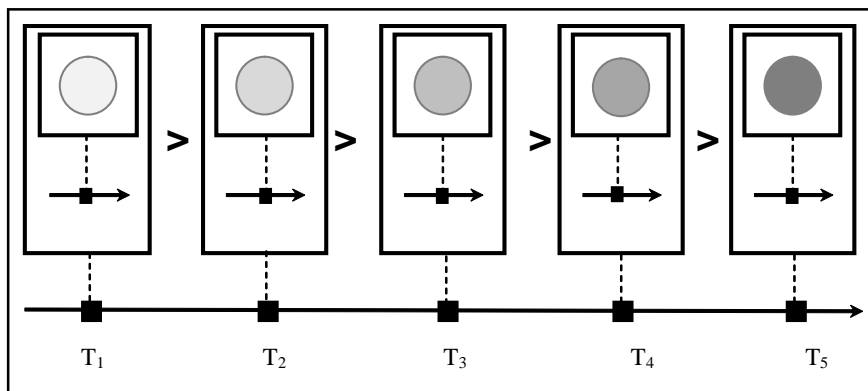


Figura 3 – Representação dos esquemas que expressam a resultatividade atributiva

Na figura 3, há um evento representado na forma de um círculo, cuja tonalidade se modifica a cada intervalo t_i . Nem todos os verbos parassintéticos se conformam a esse diagrama, já que alguns não se referem à mudança de propriedade, mas de local, como os exemplos abaixo:

- (25) [a[prision]_{Ni} ar]_{Vj} 'por X em prisão'
- (26) [a[fund]_{Ni} ar]_{Vj} 'por X no fundo'
- (27) [en[caixot]_{Ni} ar]_{Vj} 'por X em caixote'
- (28) [en[moldur]_{Ni} ar]_{Vj} 'por X em moldura'

Nos itens acima, compreendemos uma mudança de estado como uma mudança de local, já que ambas as mudanças pressupõem uma mudança no tempo. Goldberg (1995, p. 83) explicita que essa operação é recorrente e "envolve compreender uma mudança de estado nos termos de um movimento para um novo local"⁸. Os exemplos de parassíntese expostos

⁸ [the metaphor] involves understanding a change of state in terms of movement to a new location.

neste trabalho descrevem eventos e a forma como os representamos através de operações cognitivas. Levin e Rappaport (1999) destacam uma condição primordial debatida na literatura linguística sobre a identidade dos eventos: apresentarem as mesmas características espaciais e temporais. Isso explica a metáfora, abordada por Goldberg, que nos permite compreender uma mudança no espaço a partir de uma mudança no tempo/estado. Na direção contrária, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que também podemos compreender o tempo a partir da movimentação de objetos, o que pode ser evidenciado pela produtividade da metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO em expressões do tipo:

- (29) O tempo viráquando... (The time will come when...)
O tempo para agir chegou. (The time for action has arrived.)
Nas semanas seguintes... (In the following weeks...)

O mapeamento entre a categoria de tempo e a sua orientação não estática na metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO nos habilita conceptualizar uma mudança de espaço em termos de uma mudança de estado, porque, culturalmente, uma mudança de espaço implica o movimento de um objeto de um local X para um local Y, que, por sua vez, está relacionada à passagem de tempo. Autores como Basilio (2004) e Leite (2006) já haviam notado a produtividade de verbos de parassíntese com a semântica de resultatividade espacial, veiculada pelas palavras de (25) a (29). Cabe notar que o SR interno ('caixote', de 'encaixotar', por exemplo) é conceptualizado como um recipiente para o qual o hospedeiro (um objeto qualquer) se move, como ilustrado no diagrama abaixo.

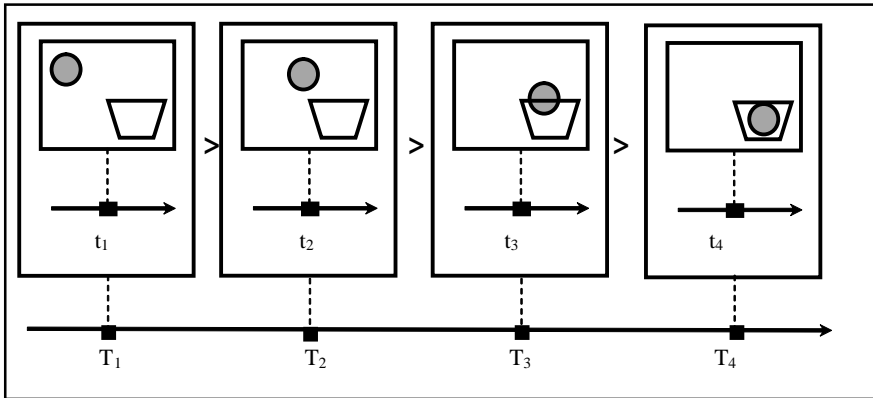


Figura 4 – Representação dos esquemas que expressam a resultatividade espacial

No digrama da figura 4, o evento é representado por um objeto elíptico inserido em um objeto trapezoidal. É, como argumentamos, a configuração de uma mudança no espaço, visto que em t_1 o objeto elíptico está em um local externo e em t_4 no interior do trapézio. Bastante difundida na literatura cognitivista (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980]), a metáfora do contêiner perpassa a representação da figura 4, pois compreendemos o objeto trapezoidal como um recipiente, em razão dos seus limites espaciais, o que provoca uma orientação dentro-fora. Em (27), a base 'caixote' funciona como um recipiente devido ao seu formato e à possibilidade de colocar um objeto no seu interior. Já em (28), a base 'moldura' não é um representante exemplar da categoria 'recipiente', o que não nos impede de a compreendermos como um recipiente a partir de nossa experiência no mundo: não armazenamos objetos tridimensionais em molduras, mas planos, como pinturas, fotografias, certificados etc.

Observamos, pois, que a cultura tem um papel decisivo na nossa compreensão e estruturação do léxico, uma vez que molda a forma pela qual pensamos e agimos no mundo. A relação entre mudança de estado e passagem de tempo não é fortuita, mas tem a ver com o modo como experienciamos o meio. Da mesma maneira, conceber uma mudança de lugar nos termos de uma mudança de estado, já que implicam passagem no tempo, é altamente motivado por estabelecermos uma ligação entre a nossa condição de existência

e o mundo que nos cerca. O diagrama representado na figura 4, provavelmente, pode não ser significativo em outras culturas, pois foi estruturado a partir da apreensão de como falantes do português brasileiro concebem a linguagem.

Até agora, vimos que o conteúdo de resultatividade espacial envolve a conceptualização de um elemento como recipiente. Entretanto, Basilio (2004) destaca que esquemas de parassíntese também podem estar vinculados a 'elementos colocados', como os dos exemplos abaixo:

- (30) [a[cebol]_{Ni} ar]_{Vj} 'por cebola em X'
- (31) [a[piment]_{Ni} ar]_{Vj} 'por pimenta em X'
- (32) [a[tapet]_{Ni} ar]_{Vj} 'por tapete em X'
- (33) [em[balsam]_{Ni} ar]_{Vj} 'por bálsamo em X'
- (34) [en[cer]_{Ni} ar]_{Vj} 'por cera em X'
- (35) [em[palh]_{Ni} ar]_{Vj} 'por palha em X'

As palavras de (30) a (35) também podem ser explicadas pela metáfora do contêiner por se enquadrarem no domínio das resultativas espaciais. A diferença reside no ajuste focal da cena, ou seja, no fato de o SR interno ser conceptualizado como o elemento colocado, e não como o recipiente. Os verbos de (30) a (35) ativam o escaneamento processual das resultativas espaciais (figura 4), sendo que o SR interno é representado pelo objeto elíptico. Convém lembrar que os verbos de (25) a (28) retomavam o mesmo escaneamento, porém o SR interno era representado pelo objeto trapezoidal. Essa diferença na conceptualização do SR interno tem uma grande importância para o estudo apresentado aqui, porque, como assinalam Almeida *et alii* (2009), substancia a natureza conceptual da gramática. Há, nos verbos apresentados de (25) a (28) e de (30) a (35), uma mesma cena (ato de armazenar) que envolve os mesmos elementos (um recipiente e um objeto colocado), porém diferentes ajustes focais resultam em significados diferentes. Langacker (1987) foi o primeiro a propor o termo 'ajuste focal' para designar os mecanismos que nos permitem descrever uma mesma situação de diferentes maneiras. Em palavras como 'aprisionar' e 'encaixotar', o SR interno ('prisão' e 'caixote') é o recipiente, o que ocasiona a sua focalização e o esmaecimento do objeto colocado. Já em 'acebolar' e 'encerar' o SR interno ('cebola' e 'cera') se comporta como o objeto colocado, que é destacado, enquanto o recipiente é ofuscado.

Percebemos, por exemplo, maneiras distintas de conceptualização de uma mesma cena básica nos verbos 'aterrar' e 'enterrar'. Na primeira palavra,

o objeto elíptico é o elemento realçado ('terra') e o recipiente é a base da cena, ou seja, o elemento que fica esmaecido e funciona como hospedeiro. Isso porque em 'aterrar' colocamos terra em algum local, ou seja, 'terra' é o elemento colocado, e não o recipiente. Observemos os exemplos:

(36) Para ampliar porto, Estado quer 'aterrar' **manguezal**.⁹

(37) Se seu cachorro adora fazer buracos para 'enterrar' **ossos** ou se refrescar, construa um pequeno tanque de areia em uma parte isolada¹⁰

Em (36), a seguir, o SN 'o mangue' é o hospedeiro da mudança e o SR interno 'terra' é perfilado como objeto a ser inserido em algum local. Já o verbo 'enterrar' tem o SR interno compreendido como o recipiente, elemento perfilado na situação. Nesse caso, 'terra' não é o objeto colocado, mas o local onde algo será inserido. Em (37), o SN 'ossos' fica no plano de fundo como o objeto colocado, enquanto o SR interno ('terra') aparece como o recipiente do evento.

Conclusão

Foi demonstrado, neste trabalho, que a noção semântica de resultatividade está ligada aos esquemas de parassíntese por meio de operações de conceptualização, tais como metáforas, metonímias e ajustes focais, que são operações básicas que nos servem a manipular quaisquer estruturas de conhecimento. Alguns exemplos da atuação desses mecanismos, que foram abordados anteriormente, são (i) a compreensão de uma mudança de lugar a partir de uma mudança de estado e (ii) as diferentes perspectivas que se adotam em relação à mesma situação de mudança de local, i.e., a possibilidade de se focalizar o objeto colocado ou o recipiente na resultatividade espacial.

⁹ Disponível em: <http://www.intellog.net/site/default.asp?TroncoID=907492eSecaoID=508074eSubsecaoID=948063eTemplate=../artigosnoticias/user_exibir.aspeID=940817eTitulo=Para%20ampliar%20porto%2C%20Estado%20quer%20aterrar%20manguezal>. Acesso em: 14 ago. 2011.

¹⁰ Disponível em: <<http://dogdicas.com.br/373/enterrando-ossos>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

Referências

ALMEIDA, M. L. L. de et al. *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BASILIO, M. Das relações entre texto, gramática e cognição: o foco na cognição. In: ENCONTRO INTERGTs DA ANPOLL, 2011, Campinas. (Mesa-redonda de fechamento [4]).

CASTRO DA SILVA, C. C. *A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na Linguística Cognitiva*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

EVANS, V. *A glossary of Cognitive Linguistics*. Edimburgo: Edinburg University Press, 2007.

GOLDBERG, A. *Constructions. A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. *Language*, n. 80, p. 532-567, 2004.

HOEKSTRA, T. Small clause results. *Lingua*, n. 74, p. 101-139, 1988.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras/ Educ, 2002 [1980].

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008a.

LANGACKER, R. Sequential and summary scanning: a reply. *Cognitive Linguistics*, v. 19, p.571-584, 2008b.

LEITE, M. A. *Resultatividade*. Um estudo das construções resultativas em Português. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

LEMOS DE SOUZA, J. L. *A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva*. 2010. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Two structures for compositionally derived events. *Proceedings of SALT 9*. Ithaca, NY: Cornell Linguistics Circle, 1999. p. 199-223.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: OLIVEIRA, R. P. de et al. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, H. F. *Irregularidade semântica em construções lexicais: um estudo de verbos parassintéticos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1991.